

PROGRAMA REVIVE
PALACE HOTEL DO BUSSACO

- Nota Histórica e Artística -

INTRODUÇÃO

O Palace Hotel do Bussaco localiza-se no interior da Mata Nacional do Bussaco, na freguesia do Luso, concelho da Mealhada, distrito de Aveiro. A Mata Nacional do Bussaco, delimitada pela cerca do Bussaco, encontra-se no extremo noroeste da serra do Bussaco e possui atualmente 105 hectares e uma das melhores coleções dendrológicas da Europa, com cerca de 250 espécies de árvores e arbustos com exemplares notáveis. «Encerra também uma vasta diversidade de animais que, muitas vezes silenciosa, passa despercebida»¹. Considerada o ex-libris botânico da região e um cenário ímpar do panorama nacional, a sua beleza natural aliada ao riquíssimo espólio patrimonial e cultural surpreende favoravelmente quem a visita «(...) em qualquer estação do ano e em qualquer hora do dia, fica a prevalecer a sua dimensão sagrada (...)»², local quase mágico. A mata encontra-se pontuada por fontes, escadarias, caminhos, capelas, ermidas e cruzeiros.

Também os Jardins Históricos, que enquadram o Palace Hotel do Bussaco, são notáveis sob o ponto de vista do seu desenho e das espécies que encerram. Destaca-se o jardim de bucho que se localiza a sul e que foi construído nos anos de 1886 e 1887, inspirado na proposta de Giuseppe Roda e Figli (adiante referenciados). São jardins formais de bucho de pequeno porte, geometricamente desenhados em forma de rosácea e em torno de pequenos lagos, fontes ou tanques, assim como canteiros de pérgulas floridas. Mesmo em continuidade com o Palace destaca-se também uma área que representa uma Cruz de Cristo centralizada com um elegante chafariz.

¹ Fonte: Rosa Pinho, Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (tirado do site da Fundação Mata do Bussaco).

² Fonte: Teresa Andresen e Teresa Portela Marques (Arquitetas Paisagísticas), A Cerca: uma paisagem entre o sagrado e o profano, in Monumentos 20, DGEMN, 2004, pp. 8-19.

CRONOLOGIA

1628-1834 – Deserto dos Carmelitas Descalços

A Ordem dos Carmelitas Descalços construiu em Portugal, entre 1628 e 1630, no Bussaco, em matas e terras do Bispado de Coimbra, o seu único Deserto (local onde os monges viviam como os eremitas do cristianismo primitivo) que integrava o Convento de Santa Cruz do Bussaco, o Sacromonte com os passos da Via Sacra, as Ermidas de habitação (com oratório, pequena sacristia, cubículo de descanso, casa de fogo, jardim com cisterna e pequeno campanário), as Capelas dedicadas às principais devoções da congregação e as Fontes (tirando partido das nascentes e linhas de água abundantes), tudo rodeado por um muro alto (a Cerca do Bussaco) e por Portarias (a Porta de Coimbra, construída em 1630, seria a porta principal da antiga cerca). «É na articulação de todos os contributos histórico-artísticos com a envolvência da mata e a sugestão omnipresente da força simbólica de Jerusalém que reside, ainda hoje, o sentido pleno do percurso da Via Sacra no Sacromonte do Bussaco e, simultaneamente, um dos aspetos que o tornam único no Mundo»¹.

O Convento de Santa Cruz do Bussaco erigido no centro da mata, era dedicado à devoção da Santa Cruz. «Aqui, aliou-se o sentido simbólico da planta centralizada à prática pouco comum da colocação do templo no meio dos espaços de circulação associados às estruturas claustrais (...). O emprego das cortiças e da técnica dos embrechados, os conteúdos da azulejaria ou a força da imaginária religiosa reforçam esse sentido de uma exemplaridade cristã vivida no isolamento.»².

Em 1810 foi aberta a porta da Cruz Alta, para a passagem das tropas da Guerra Peninsular. «A 27 de setembro de 1810 a mata foi palco da Batalha do Bussaco (um dos episódios sangrentos das invasões napoleónicas em Portugal) tendo o Convento servido de base das operações ao Duque Wellington no confronto entre as tropas luso-britânicas e francesas»³. Em 1834, com a extinção das Ordens Religiosas o Convento ficou ao abandono.

Atualmente pode ser visitado o que subsiste do Convento, como a galilé, a portaria, a igreja (que no seu interior alberga algumas obras de arte, entre elas um presépio de Machado de Castro), as capelas, a sacristia e os pequenos claustros. Também pode ser

visitado o Museu Militar do Bussaco, criado em 1910, e que alberga valiosas coleções que remetem para a Batalha do Bussaco.

^{1, 2 e 3} Fonte: Lurdes Craveiro (tirado do site da Fundação Mata do Bussaco).

1834-1855 – Período de transição da Mata do Bussaco

Entre 1834 e 1855 a Mata do Bussaco ficou sem gestão e sem um responsável por ela.

1856 – A Mata do Bussaco integra a Administração Geral das Matas do Reino

A partir de 1856 a Mata do Bussaco transitou para a Administração Geral das Matas do Reino. E de 1872 em diante, com a reforma da administração das matas nacionais, a Mata entrou numa importante fase de melhoramentos.

1877 – Visita e encomenda de projetos - Parque Romântico e Palácio Real

Após ter visitado a Mata do Bussaco em 1877, D. Maria Pia de Saboia encomendou a Giuseppe Roda e Figli (de Turim) um projeto para a transformar num parque romântico, projeto este que não chegou a ser concretizado. Também não chegou a ser concretizada outra das suas pretensões, um palácio neomedieval para a família real, desenhado pelo cenógrafo italiano Luigi Manini (Luigi Pietro Manini, Conde de Fagana, Crema – Itália 1848, Bréscia – Itália 1936), que também teria as funções de pavilhão de caça.

1886 – Primeiras aguarelas de Luigi Manini para o Bussaco

Em 1886 as dependências do antigo Convento começaram a ser utilizadas como hospedaria. Nesse mesmo ano, o então ministro das Obras Públicas, Emídio Navarro, muito ligado ao Bussaco e ao Luso (de onde era natural), propôs a construção de um “palácio do povo” (ou hotel) no Bussaco, tendo pedido ao seu amigo Luigi Manini um esquisso cenográfico para o futuro hotel. Manini realizou as primeiras aguarelas do hotel a implantar às Portas de Coimbra, em que propunha um edifício monumental sobre os penhascos.

1887 – Edificação no meio da Mata

Luigi Manini risca novo projeto de palacete régio, desta vez com instruções mais claras quanto ao local e ao estilo, com aproveitamento do Convento, que tinha perdido a função inicial.

1888 – Início da construção do Palace Hotel do Bussaco (18 de julho de 1888)

Emídio Navarro encomendou outra proposta a Manini, mas desta vez com a indicação do local para a implantação e do estilo desejado para o edifício. Apesar das vicissitudes da época, Emídio Navarro pretendia a construção de um hotel em vez de uma edificação régia. Foram fornecidas ao cenógrafo as plantas do levantamento arquitetónico dos anexos do convento, efetuadas por Abreu Vital. Manini apresentou então uma perspetiva e três alçados aguarelados. Com a construção do Palace Hotel destruíram-se algumas das estruturas conventuais anexas à igreja, como o refeitório e as hospedarias. Em nome do citado ministro, Elvino de Brito, então diretor-geral da Agricultura, manda proceder à "reconstrução parcial do plano geral da reconstrução do Convento do Bussaco e Anexos", informando que Henrique Eugénio de Castro Rodrigues é incumbido de detalhar o plano geral do cenógrafo. Os trabalhos foram iniciados sob direção de Ernesto Lacerda. Rompeu-se assumidamente com a escala do Convento (a primeira fase da empreitada decorreu até 1891, foi retomada em 1894 e concluída em 1897). Os trabalhos de arquitetura de interiores decorreram nos anos seguintes e os trabalhos de azulejaria foram os últimos a terminar.

1898 – Projeto da Casa dos Cedros

O arquiteto Nicola Bigaglia (Veneza 1841, Veneza 1908) é chamado a intervir nos trabalhos em colaboração com Luigi Manini e projeta, sobre o ângulo sudoeste do Convento, a Casa dos Cedros (também denominada “Casa do Cão”, dada a existência de uma pequena escultura representando um cão).

1905 – Projeto da Casa dos Brasões e Anexos depois chamados Casa dos Arcos e Casa das pedrinhas ou dos Embrechados

O arquiteto Manuel Joaquim Norte Júnior (Lisboa 1878, Sintra 1962) projetou a Casa dos Brasões (também denominada Pavilhão Real) em anexo aos edifícios de Luigi Manini e Nicola Bigaglia. Projetou também a Casa dos Arcos e a Casa das Pedrinhas. Continuaram a decorrer todos os trabalhos de interior.

1907 – Conclusão dos trabalhos e abertura do “Grande Hotel da Matta”

Os revestimentos e mobiliário do Hotel ficaram concluídos em 1907, assim como os edifícios anexos destinados aos correios e telégrafos, a casa dos empregados e o Chalet de Santa Thereza. A Casa dos Brasões encontrava-se em obra. Nessa data o Estado Português (Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria) concessionou o edifício já com função hoteleira, primeiramente a um senhor Wiessman, por concurso público, e logo depois, a 12 de novembro desse ano, a Paul Bergamim.

1910 – Conclusão das obras da Casa dos Brasões

1917 – Nova gestão do Hotel

Em 1917 o empresário Alexandre de Almeida assumiu a gestão do estabelecimento.

1922- Projeto de Ampliação da Casa dos Arcos

Norte Júnior projeta a ampliação da Casa dos Arcos com mais um piso, permitindo a ligação do Palácio com a Casa das Pedrinhas. O conjunto edificado ganha a sua feição atual.

Década de 30 do século XX – Obras de reabilitação

Remodelação global do conjunto edificado sob orientação dos arquitetos Norte Júnior e António Nascimento.

1940/1941 – Conclusão da pintura da Sala de Bar

O pintor João Reis concluiu a pintura da grande tela da Sala de Bar que tinha sido iniciada por seu pai, o pintor Carlos Reis.

Década de 60 do século XX – Obras de remodelação

Remodelação de algumas infraestruturas e adaptação de alguns quartos. Foram suprimidos os vãos do tipo “mansarda” da cobertura do Edifício Principal e construídas algumas claraboias (quartos e instalações de pessoal).

Década de 80 do século XX – Obras de reabilitação

Em 1982, 1983 e 1985 ocorreram diversas reparações no Edifício Principal (Palácio) executadas pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Década de 90 do século XX – Obras de alteração

No final da década de 80 foi encomendado ao arquiteto José Paulo dos Santos projeto de remodelação de alguns espaços sociais e de serviço do hotel, das instalações sanitárias comuns e das unidades de alojamento da Casa dos Brasões e da Casa das Pedrinhas. Foram também reformulados alguns quartos do Edifício Principal, ao nível das instalações sanitárias e das instalações técnicas. Estas obras foram executadas durante o ano de 1992. As obras referentes às instalações técnicas prolongaram-se por mais anos.

Desde 1985 que a manutenção dos imóveis do Palace Hotel do Bussaco passou a estar a cargo da entidade privada. O Convento e capelas, os edifícios anexos, os jardins e mata mantêm-se na esfera do Estado Português, através da Fundação da Mata do Bussaco.

Século XXI – Obras de Reabilitação

Nos primeiros anos do século XXI procedeu-se à reabilitação do Convento.

Em 2005 e em 2020 ocorreram diversas obras de manutenção de elementos de cantaria e de carpintaria do Edifício Principal.

DESCRIÇÃO DOS EDIFÍCIOS

Edifício principal do Palace Hotel do Bussaco

Manini «inspirou-se nos monumentos mais representativos do estilo manuelino (...)»¹, como a Torre de Belém para o jogo de volumes e o claustro do Mosteiro dos Jerónimos para o desenho das galerias. «O edifício, de três pavimentos, com uma copiosa ornamentação no primeiro piso, apresenta, a coroa-lo, uma torre com mais de quarenta metros de altura e a cingi-lo, por norte e nascente, em dois dos seus lados, uma elegante galeria.»². Colocada no cimo da torre existe uma esfera armilar de ferro de grandes dimensões. A torre e a referida esfera armilar são visíveis desde a Mealhada e da mesma torre poderá ser avistado o Oceano Atlântico, a Serra da Boa Viagem e parte do Vale de Mondego, numa abrangência panorâmica assinalável.

«Exteriormente não se pode ainda deixar de referir mais minuciosamente a floreira, corpo poligonal saliente que prolonga a sala de jantar e adorna o lado sul (...), com vãos mainelados, abertos e sem caixilharia, com clara inspiração em monumentos portugueses da época manuelina. De entre copiosa decoração das fachadas (...) destacam-se as gárgulas, as cartelas, os medalhões e os grotescos»³.

Qualquer dos vãos projetados apresenta um desenho próprio, também de inspiração manuelina, com elegante proporção e riquíssimo detalhe de cantaria. Na fachada sobre o jardim formal o desenho de vãos é hierarquizado nos vários pisos, com trabalhos de cantaria de rico e detalhado desenho. O embasamento apresenta um fechado desenho, de forma a destacar o piso nobre ou piso da entrada principal, onde se inserem os mais majestosos vãos: de proporção esguia e riquíssimo trabalho de cantaria em consonância com o desenho da galeria e com a proporção da floreira (atualmente sala de refeições exterior, também denominada como “terraço”).

No primeiro nível de quartos, ou primeiro andar, os trabalhos de cantaria são mais singelos, mas igualmente elaborados. Este piso é encimado por platibanda decorada com escudos com a representação da Cruz de Cristo, suportada por uma repetição de mísulas em cantaria trabalhada.

No último andar de quartos, os vãos apresentam um desenho mais simples com cantaria recolhida e facetada. Este piso é coroado por uma sequência de gárgulas e por platibanda

de inspiração medieval com ameias com topo piramidal. Os três ângulos da cobertura deste nível são rematados com guaritas de proporção marcante.

Na fachada poente sobre o pátio, entre os vários corpos do edificado, foi lançado o grande vão da escadaria principal: vão que corresponde a três pisos do edifício. Trata-se de um vão profusamente elaborado e que incluiu colunelos e outros elementos de cantaria, assim como elementos escultóricos, imagens e vitrais. Este vão possui também caixilharia com elevado grau de erudição. O corpo da torre apresenta na sua face norte um vão composto que corresponde também a três pisos.

Os elementos desenhados de ligação entre o volume principal do edifício e da torre, assim como o ângulo da mesma, apresentam detalhado desenho de cantaria, composta com diversos elementos escultóricos, imagens, frisos, nichos e mísulas.

Junto ao contraforte de remate entre o edifício e a torre, o qual também enquadra o vão de acesso à galeria/entrada principal, integra-se uma imagem alada de grande dimensão. Estas esculturas são da autoria dos mestres António Augusto Gonçalves, José Barata e Anacleto Garcia, da escola de Coimbra (Escola Industrial Brotero).

A inspiração de Manini acompanhou o forte espírito histórico e nacionalista dos finais do século XIX em Portugal e que foi marcado, entre outros aspetos políticos, pela comemoração de importantes efemérides: o terceiro centenário de Luís de Camões (em 1880), o quarto centenário do Infante D. Henrique (1894), o quarto centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia (1898), o quarto centenário da descoberta do Brasil (1900) e o primeiro centenário da Batalha do Buçaco (a 27 de setembro de 1910).

A gramática arquitetónica desenhada por Manini para as fachadas do Palácio foi transportada para os seus principais espaços interiores, nomeadamente para o átrio, vestíbulo de acesso à escadaria e ao corredor, e para a própria escadaria e respetivo vitral. Os átrios dos pisos superiores enquadram-se também em idêntica estética, sendo o superior de linguagem mais simplificada. Os pórticos ricamente desenhados e de grande pormenor de pedra lavrada apresentam-se como uma continuidade da galeria exterior e dos respetivos vãos. Os quatro salões que completam a planta do piso de entrada - Salão, Sala de Jantar, Sala de Pequenos-Almoços ou Sala Condeixa, e Espaço da atual Recepção – poderão definir-se como mais modernos no contexto da sua época, apresentando

elementos tardo-renascentistas e uma ambiência mais romântica, também própria da época em que foram terminados - já no século XX. Para o átrio principal do hotel, Manini projetou uma elegante abóbada e duas portas ricamente trabalhadas. Na da esquerda, «trancos com tufos de folhagem desenvolvem-se em arco contracurvado a albergar duas portas gémeas (...). Na outra, casa-se o rendilhado neomanuelino da pedra e o fino trabalho neo-renascentista»⁴. As paredes deste átrio estão decoradas com painéis de azulejos da autoria de Jorge Colaço, que retratam episódios da guerra peninsular travados no Bussaco.

^{1, 2, 3 e 4} Fonte: Regina Anacleto (Historiadora da Arte), Palace-hotel: projectos de construção, in Monumentos 20, DGEMN, 2004, pp. 66 a 68.

Casa dos Cedros

Em 1899, o arquiteto Nicola Bigaglia foi também convidado a intervir na obra do Bussaco. Dos seus projetos apenas se construiu a “Casa do Cão”, hoje designada por ‘Casa dos Cedros’. Situada no extremo sudoeste e composta por três pisos mais um assotado, destaca-se a escada exterior, a “loggia” alpendrada, o corpo saliente com janela (janelas maineladas ou janela dupla) de ângulo e varandim, a janela tripla de verga reta, o nicho de esquina, os remates em merlões e o desenho de caixilharia.

O edifício, embora de pequena dimensão, apresenta-se como de elegante proporção e de grande detalhe de desenho nos elementos arquitetónicos que o compõem. Apesar deste edifício sugerir uma continuidade com o Convento e uma ligação com a ala da antiga Secretaria dos Serviços Florestais, a verdade é que o mesmo se destaca da escala e monumentalidade do Palácio e da Casa dos Brasões. Não possui também ligações físicas com os restantes, pois funcionou como apoio à concessão do Hotel, tendo, em diversos momentos da história, sido requisitado para utilização temporária, tanto da família Real, como de membros do Governo. Por estes motivos, os seus interiores apresentam requintados detalhes ao nível das carpintarias (desenho e ferragens), das escadarias – ambas arredondadas e de cuidado desenho. Ainda assim, a sua volumetria e detalhe arquitetónico funcionam harmonicamente como remate deste ângulo sudoeste do conjunto monumental.

Bigaglia projetou toda a ala sul do conjunto, integrando um corpo construído longitudinalmente e paralelo à estrutura conventual (que corresponde atualmente à antiga Secretaria dos Serviços Florestais), e um outro edifício em simetria com o primeiro e que

não chegou a ser executado tal como se previa (corresponde à atual Casa dos Brasões que se implantou sobre este e que assumidamente previu a sua demolição). Para esta ala sul também Manini projetou, em 1902, um edifício que rematava todo o conjunto, mas o mesmo não foi sequer iniciado.

A antiga Secretaria dos Serviços Florestais

Inicialmente projetada por Nicola Bigaglia, foi concluída de forma mais simplista já com desenho do arquiteto José Alexandre Soares (Lisboa 1873 – Lisboa 1930). Apresenta ainda a estrutura da fachada ritmada conforme desenho original, mas o detalhe do pórtico central e das cantarias não corresponde ao respetivo desenho inicial. Trata-se de uma ala construída de planta retilínea aproveitando a estrutura das antigas celas do Convento e que, originalmente, possuía comunicações com a galeria do mesmo (atualmente são ainda visíveis alguns vãos de porta). A construção desta ala data de 1904 e interiormente apresenta planta e detalhes muito simples – uma sequência de espaços quadrangulares sem qualquer ornamento. Possuía também ligação física com a Casa dos Brasões – atualmente encerrada e transformada em arrumo, mas mantendo as portadas.

Casa dos Arcos ou Casa do Museu

Anexada ao Palácio, esta ala também projetada por Manini num estilo neorromânico, destaca-se do mesmo pela sua escala e detalhe, embora corresponda à imagem inicial perspectivada. Em 1895 é concluída a sua estrutura que apresenta uma planta retangular com dois pisos e sótão. O piso térreo é semi-vazado numa arcaria tripartida de elegante proporção. O andar superior possui três vãos alinhados com os arcos inferiores e é pontuado por um nicho, onde se encontra uma escultura, em simetria com uma chaminé aparente. A cornija é de cantaria aparente, igualmente de gosto neorromânico, com repetição de pequenos arcos e sanca trabalhada. A construção é totalmente em pedra, quer em cantaria, quer em pedra aparente na sua fachada. O alçado tardoz sobre o pátio da Casa dos Brasões encontra-se rebocado.

Esta ala do edifício posteriormente ampliada, com projeto do arquiteto Norte Júnior, para possibilitar a ligação interna com a Casa das Pedrinhas, possui na sua fachada norte um nicho em cantaria profusamente trabalhada e de estilo neorrenascentista, com uma pintura a fresco do próprio Luigi Manini.

Casa dos Embrechados ou das Pedrinhas

Igualmente prevista nos projetos iniciais de Manini como edifício anexo ou de apoio ao Palácio, a par com outros pequenos pavilhões ou “Chalets” construídos em redor do conjunto monástico, a Casa das Pedrinhas, ou dos Embrechados como inicialmente denominada, implanta-se a noroeste e apresenta simetria com a Casa dos Cedros, tendo como eixo a Capela e o respetivo Portal. Com cave, que aproveita o desnível do terreno, três pisos e sótão, estruturou-se também sobre as antigas celas conventuais. Inicialmente de planta simples de forma quadrangular e organizada com um corredor central, foi posteriormente ampliada e remodelada em 1922 por Norte Júnior, tornando-se um volume longitudinal que permitiu estabelecer a ligação interior com a Casa dos Arcos e, consecutivamente com o Palácio. As suas fachadas apresentam uma organização clássica com o andar nobre bastante marcado pela maior dimensão e detalhe dos vãos, e tal como Manini as desenhou são muito decoradas e de rico detalhe nos seus ornamentos. Destaca-se a estranha gramática decorativa dos seus alçados que, paralelamente ao detalhado desenho de cantarias, possui um elaboradíssimo trabalho de embrechados de pedrinhas e peças de barro cozido, de gosto romântico. Estes trabalhos com pedrinhas na composição das fachadas encontram paralelo, ou terão tido inspiração, nalguns elementos do Convento e das Capelas, Fontes ou Portas da Mata do Bussaco.

Norte Júnior projetou a conexão entre os dois edifícios – Casa dos Arcos e Casa das Pedrinhas, que atualmente possuem ligações internas e são uma continuidade do Hotel – com uma ala igualmente marcante e de riquíssimo pormenor. O arco abatido do piso térreo é ainda de desenho de Manini e os andares superiores apresentam um elaborado desenho de um vão principal, abrangendo dois pés-direitos, no qual foi introduzido o já referido nicho em cantaria que enquadra a pintura a fresco também de Manini.

Casa dos Brasões ou Pavilhão Real

Este edifício, inteiramente da autoria do então jovem arquiteto Norte Júnior, implantou-se sobre um antigo anexo que rematava o ângulo sudeste do Convento e assumiu-se como pavilhão independente do restante conjunto, embora com conexões com o Palácio e com o já referido edifício da Secretaria dos Serviços Florestais. Foi projetado em 1905 com o objetivo de albergar a família Real e a sua edificação ficou terminada em 1910.

Assumidamente com imagem revivalista do estilo manuelino em diálogo com a arquitetura de Manini, Norte Júnior deixa transparecer também a influência “beaux-arts” – moderna para a época – pois a composição arquitetónica deste pavilhão apresenta-se clássica: com marcação e ligeira fragmentação dos pisos, com simetrias e fortes eixos de composição, utilização de elementos circulares e em arco de volta perfeita, e desenho pormenorizado das ornamentações em cantaria que intencionalmente terão sido encomendadas (medalhões, brasões, frisos e molduras).

A fachada principal a sul apresenta um conjunto de detalhes quase exagerado nas suas proporções e detalhes, sendo o piso térreo marcado por três vãos em arco de volta perfeita com finos pormenores em cantaria; no piso nobre foi desenhada uma varanda a toda a largura, três vãos que marcam igualmente o ritmo de verticalidade deste pavilhão e um friso rendilhado em cantaria; e a composição do último piso traduz-se numa quase explosão de proporções e pormenores clássicos. Em redor deste grande vão de volta perfeita enquadram-se os brasões esculpidos em pedra e que representam as dezassete capitais de distrito do país de então, sendo centralizado e com especial destaque o do distrito de Aveiro, valorizando-se assim a região em que se insere. Estes brasões deram nome ao pavilhão.

A composição das restantes fachadas, especificamente dos vãos a nascente e do grande vão da escadaria, revelam o especial empenho do arquiteto no respetivo desenho. Na maioria dos vãos o arquiteto conseguiu imprimir grande profundidade e rico desenho de claro/escuro que revelam a sua mestria clássica no trabalho de cantaria (são conhecidos desenhos de cantaria do próprio, à escala 1:20, onde é visível o especial cuidado na proporção e detalhe destes vãos, dos frisos e das molduras, com pormenores perspetivados quase à escala natural).

Nos seus interiores é também transposta a gramática neomanuelina e de outros revivalismos. É notório o desenho do arco de volta perfeita no átrio principal do piso térreo.

Edifícios Anexos

Durante as várias fases de construção do conjunto monumental do Bussaco foram edificados diversos anexos para usos distintos, nomeadamente a “Garage”, a “Pousada”, a “Casa dos Empregados”, as “Cavalariças” e o “Chalet de Santa Thereza” e três outros de apoio ao serviço e de manutenção: a “Casa da Forja” e dois edifícios que foram projetados de origem para a secagem de madeira da própria Mata para posteriores usos, inclusive o da própria construção.

Interessam para o presente documento os seguintes edifícios anexos: o Chalet de Santa Thereza, a Casa da Forja, as antigas Cavalariças e as antigas Secagens de Madeira. Não existem quaisquer registos dos projetos originais destes edifícios e pouca documentação exata acerca das respetivas datas e dos autores dos projetos.

O **Chalet de Santa Thereza** teria o uso de habitação e apresenta uma volumetria de elegante proporção, pontuado torreão que marca a respetiva entrada, assim como duas mansardas na aba do telhado sobre a fachada principal (sul). A sua imagem arquitetónica enquadra-se no espírito romântico do século XIX, numa edificação em alvenaria de pedra com alguns interiores de tabique e carpintarias de boa qualidade. As fachadas possuem molduras em pedra calcária e também marcação dos cunhais e frisos. A cobertura seria em telha marselha. A tardoz existem ainda vestígios de um forno tradicional.

A **Casa da Forja**, de arquitetura vernacular, mas alterada em diferente fase, destinava-se a trabalhos de serralharia e a apoio residencial, provavelmente de funcionários. Apresenta apenas um piso com estrutura em alvenaria de pedra e cobertura de duas águas em telha marselha. Um dos vãos de janela possui desenho mais erudito.

O edifício das **antigas Cavalariças** desenvolve-se longitudinalmente em relação a um caminho da Mata, em frente aos edifícios da Secagem de Madeira e encontra-se

semienterrado na encosta. Possui dois pisos, sendo o inferior antigamente destinado a cavalariças e o segundo, sotado, de apoio (provavelmente celeiro). Apresenta simetria no seu alçado principal e vãos emoldurados com cantaria. O piso superior é pontuado na respetiva fachada com vãos do tipo mansarda enquadradas a meia altura do beirado.

Os dois edifícios da **antiga Secagem de Madeira** têm planta retangular e coberturas de quatro águas em telha de marselha. Os alçados apresentam desenho ritmado e simétrico com alguma erudição: junto ao beirado possuem vãos de verga reta e horizontal, e numa cota inferior um contraponto de ritmados vãos verticais de verga semicircular. A antiga Secagem mais a sul caracteriza-se por possuir um desenho de fachada mais simples e com ritmados pilares salientes. Estes edifícios implantam-se à cota do caminho da Mata, numa encosta inclinada a poente, de forma a aproveitar o desnível para caixa de ar de ventilação das madeiras. Por este motivo o pavimento destes edifícios possui uma interessante estrutura, em que o sobrado de madeira corrida, com juntas abertas, proporcionava a secagem das madeiras que entravam no edifício pela cota superior. As estruturas das coberturas apresentam-se ainda originais, com asnas em madeira. Este conjunto de aspetos denota que os edifícios possuem alguma erudição e valor etnográfico para o objetivo a que se propuseram.

OS INTERIORES

Escadaria nobre do Palácio

No segundo átrio surge uma escadaria monumental por onde se acede ao andar superior. «A caixa da escadaria nobre, com uns aprimorados arcos no piso superior, insere-se em todo o pé-direito do edifício disponível naquela zona e a luz entra através de um enorme janelão (...)»¹. A escala deste espaço da escadaria permitiu o desenho do vão de grande dimensão e as pinturas a fresco com composições de ambos os lados com sete metros de largura por nove metros de altura. Estes frescos estão atribuídos a António Monteiro Ramalho Júnior (1858-1916), que também colaborou com o pintor João Vaz, e representam, nos seus topos, estruturas arquitetónicas com varandas e arcos de inspiração “manuelina” em *trompe-l’oeil* que se integram em perfeita conexão com a arquitetura do palácio e com os arcos das duas galerias dos átrios superiores, assim como permitem a

ampliação espacial. Nos níveis inferiores destes frescos as composições apresentam-se esteticamente diferenciadas com desenhos geométricos que enquadram figuras históricas.

Do lado direito de quem sobe a escadaria encontram-se os bustos do Infante D. Henrique, de Vasco da Gama e de Pedro Álvares Cabral sobre a Cruz de Cristo enquadrada por um semicírculo de estrelas e constelações, decoradas ainda com frisos e medalhões. Do lado contrário, com idêntica gramática de desenho, encontram-se alusões a Afonso de Albuquerque, Francisco de Almeida e D. João de Castro. Estas composições a fresco complementam o conjunto de azulejaria do lambrim cuja temática enquadra também a fase histórica dos descobrimentos portugueses, a chegada de Vasco da Gama à Índia e a história da Conquista de Lisboa aos Mouros.

Da autoria de Jorge Colaço, (Tânger, Marrocos 1868, Oeiras 1942) estes painéis apresentam-se mais discretos do que os painéis dos átrios dada a sua paleta cromática. Enquanto os painéis dos átrios apresentam fortíssimos tons de azul, estes apresentam-se mais discretos nos seus tons mais pálidos e nos seus frisos de tons verdes sobre tons claros e debruados a vermelho de forma a enquadrar a Cruz de Cristo. Estes painéis foram executados entre 1904 e 1906.

¹ Fonte: Regina Anaclero (Historiadora da Arte), Palace-hotel: projectos de construção, in Monumentos 20, DGEMN, 2004, pp. 70.

Sala de Estar/Salão

Esta Sala de Estar ou Salão Nobre apresenta uma planta retangular simples, de treze metros de comprimento por dez metros de largura, sendo dominada pelo elaborado trabalho de cantaria em pedra de Ançã, pela decoração dos vãos, pelo exuberante vão do tipo serliano na comunicação com a Sala de Bar (também denominada Sala de Bilhar ou Sala de Leitura), pela majestosa lareira e pelas pinturas em todo o redor da sala – pinturas a óleo sobre tela colada no estuque parietal. Os referidos vãos são de desenho de inspiração renascentista de elegantes proporções e foram projetados em conexão com a serliano – elemento em cantaria trabalhada e decorado com pedestais e jarrões.

Também a lareira apresenta desenho medializante em trabalhos de cantaria e decorados com temas trovadorescos. A lareira foi esculpida por João Machado e Costa Mota, sobre desenho de Luigi Manini. É encimada por esculturas de leões centralizados por um jovem trovador tocando alaúde de Costa Mota Sobrinho. Os dois vãos que comunicam com o

átrio são ainda encimados por frontões triangulares e esculturas representado bustos de figuras históricas.

Este salão foi terminado em 1907, tal como a maioria dos trabalhos de arquitetura e decoração do palácio, e nessa data foi denominado como Salão de Baile. No entanto as referidas pinturas que revestem as paredes foram apenas terminadas em 1921 pelo pintor Carlos Reis (Carlos António Rodrigues dos Reis, Torres Novas, 1863 – Coimbra 1940). Estas pinturas representam um animado bosque de inspiração medievalizante e de alguma forma retratista da própria Floresta do Bussaco.

De grande leveza e de tons pálidos definem um ambiente de descontração e descanso bem adequado à função do edifício, pois são ilustradas figuras lúdicas e alegres: Damas de Corte, Crianças, Servos e Músicos, destacando-se ainda Jograis e o Bobo da Corte. Predominam os tons pálidos dos fundos da floresta, os ocres dos troncos e os rosas/ocres das árvores que remetem, segundo vários autores que interpretaram a pintura, para o imaginário romântico da época e conseguem uma profundidade espacial significativa a toda a sala.

(estas pinturas foram parcialmente restauradas em julho e agosto de 1998, tendo em conta as deficiências provocadas por infiltrações que destruíram os estuques/carecem ainda de restauro!).

De destacar também neste salão o “parquet” de pormenorizado desenho (“marqueterie”), assim como os tetos em madeira de Cedro do Bussaco, divididos em três tramos com vigamentos salientes. Os lambris são também em madeira.

Algum mobiliário deste salão é de desenho do próprio Luigi Manini e de origem do Palácio: três pares de cadeiras de estilo neorrenascença e os dois bancos corridos junto à lareira. Estas peças foram desenhadas em conexão com a elegante serliana de inspiração renascença e também com a lareira, anteriormente referidas.

Sala de Bar/Antiga Sala de Bilhar ou de Leitura

Inicialmente denominado também como “Gabinete de Leitura” este espaço foi desenhado em continuidade com o Salão de Estar, apresentando o mesmo tipo de abordagem decorativa ao nível dos vãos e dos lambris, com exceção das paredes que são apenas pintadas em tom verde-musgo e não possuem as telas pintadas. A separação com o salão

faz-se através da referida serliano e a passagem para a Sala de Jantar processa-se por dois vãos com desenho igual aos do salão.

A decoração desta sala é completada pela tela de grande dimensão (5,40 x 3,00 metros) de inspiração medieval e também da autoria de Carlos Reis (iniciada em 1907 propositadamente para a decoração desta sala e terminada apenas por seu filho João Reis em 1941, já após a morte de seu pai). Esta pintura denomina-se “Os Cavaleiros” e representa um por-do-sol com identificação de militares a regressar, que reporta certamente a glórias e a importantes batalhas ocorridas no Bussaco.

Sala de Jantar/Refeições

A arquitetura deste salão destinado às refeições principais poderá definir-se como de inspiração renascença e também revivalista do estilo manuelino, tendo em conta o desenho dos seus vãos, o pormenor do teto ou dos lambris, e também a geometria do parquet. O vão que faz a transição para o terraço ou “floreira” assume um carácter majestoso dada a sua dimensão e detalhe de carpintaria. Os aparadores de desenho neorrenascença enquadram-se com a escala dos lambris e correspondem ao mobiliário original da sala. O desenho do teto apresenta formas sextavadas em consonância com o parquet, sobressaindo compridos pendurões que completam a iluminação da sala. Os intervalos sextavados dos trabalhos de madeira integram rosáceas pintadas em tons verdes.

A decoração é completada com painéis de pintura a fresco, circundados por molduras pintadas e cercaduras, ambas em tons de verde. Estes painéis apresentam igualmente temas de inspiração nacionalista, tal como serviram de inspiração a Luigi Manini na arquitetura do Palácio: invocam temas dos Lusíadas e dos Descobrimentos e outros temas identitários da história de Portugal; são atribuídos a João Vaz (João José Vaz, Setúbal 1859 – Lisboa 1931).

São dez as marinhas pintadas a fresco, de tons pálidos e nalguns casos sombrios: 1) Torre de Belém e Caravela com a inscrição “ENTRARAM PELO TEJO AMENO”; 2) Caravela com as velas enfunadas com a inscrição “O VENTO DORME, O MAR E AS ONDAS JAZEM”; Mar com a inscrição “PORQUE Á LAMPADA”; 4) Caravelas com a inscrição “GRANDE SE ESCONDIA”; 5) Adamastor com a inscrição “EU SOU AQUELLE OCULTO E GRANDE CABO”; 6) Figuras numa arribas com a inscrição “PROGENIE

GENEROSA DE JOANE”, invocando o Infante D. Henrique e a sua mítica relação com Sagres; 7) Vénus envolvida por nuvens espelhadas no Mar e com a Caravela, com a inscrição “A DEUSA QUE NOS CEOS A GOVERNAVA”; 8) Cinco Ninfas com Caravela a sulcar as ondas a todo o pano com a inscrição “TAES ANDAVAM AS NYNPHAS ESTORVANDO”; 9) Mar a bater numa falésia com a inscrição “HUM PADRÃO NESTA TERRA ALEVANTAMOS”; e 10) Representação de Calecute com a inscrição “TERRA HE DE CALICUT, SE NÃO ME ENGANO” (neste caso o autor faz alusão a Calecute embora tenha apresentado uma iconografia que mais se assemelha ao Norte de África).

Sala Condeixa/Sala de Pequenos Almoços

A Sala Condeixa, agora também denominada Sala de Pequenos Almoços ou Sala dos Anjos, apresenta espacialidade e decoração mais sóbria do que as restantes, destacando-se o teto pintado por Ernesto Condeixa em 1904 (Ernesto Condeixa, Lisboa 1858 – Lisboa 1933) e algum mobiliário original. O teto possui uma composição em madeira, centralizada por tela octogonal pintada a óleo que representa duas figuras femininas flutuando no céu, acompanhadas por anjinhos que transportam um gomil e um cesto que parece ofertar algo – tema considerado adequado à função da sala, na data em que foi realizado. Os quatro cantos do octógono são também pintados por Condeixa, com temática vegetalista e antropomórfica, sobre fundo dourado. Mobiliário neorrenascença e lambrim em madeira trabalhada completam a sóbria decoração desta sala. As paredes são revestidas a papel pintado.

Pisos Superiores/Mobiliário

Nos pisos superiores do Palácio são marcantes os respetivos átrios, os quais seguem a gramática dos átrios principais e da escadaria monumental. A restante compartimentação seguiu uma linguagem arquitetónica mais simples, destacando-se o conjunto de pormenores associados aos vãos (aduelas, puxadores, lambris e desenho das caixilharias). Nestes pisos, e especificamente nos quartos e suites, destaca-se o mobiliário de diversos estilos e de diferentes épocas. Estão presentes várias peças de mobiliário asiático, mobiliário neorrenascença, móveis completas de quarto de estilo D. João V ou D. José, D. Maria, Romântico, Arte Nova e Art-Deco, como é o caso do Suite da Rainha.

O último piso, ou sótão, possuía na sua versão original pequenas mansardas que permitiam a iluminação e a salubridade de diversos quartos de dormir destinados aos funcionários. A distribuição arquitetónica do sótão é feita através de um grande átrio, semelhante e alinhado em projeção com os átrios dos andares inferiores.

Destaca-se ainda a escadaria secundária que percorre todos os pisos do Palácio, desde o nível inferior (cave destinada a serviço) até ao sótão. Nos pisos nobres esta escadaria assume um carácter majestoso, dado o seu desenvolvimento bem proporcionado, integralmente em madeira com o vão arredondado, permitindo uma leitura a toda a altura e perspetivas que sugerem uma helicoidal.

Azulejos

Os doze painéis de azulejos de interior do conjunto dos átrios e da escadaria principal foram executados entre agosto de 1904 e julho de 1905, da autoria de Jorge Colaço com a colaboração de Gomes Fernandes, têm como temática a Batalha do Buçaco (27 de setembro de 1810). Estes painéis foram concebidos em total consonância com a arquitetura dos átrios, garantindo-se as simetrias projetadas por Luigi Manini, quer contrapondo ou substituindo vãos, quer integrando os lambris ou o próprio espelho do átrio de entrada. Tal como referido na descrição do desvão da escadaria, com transição através da cercadura em tons de verde e amarelo.

Também as molduras ou cercaduras azulejares, que permitem a transição com os trabalhos de cantaria, demonstram a mestria do seu autor, ao utilizar tons ocres e dourados próximos aos tons da pedra, conjugados com azul-escuro em harmonia com os tons de azul dos painéis.

De fortíssima carga histórica e nacionalista estas composições azulejares são demonstrativas das qualidades estéticas do seu autor e também da qualidade técnica com que foram executados na Fábrica de Louça de Sacavém. Além da fidelidade aos temas e às expressões reais das personagens, é também notório o conhecimento do universo estético da época da Batalha do Buçaco, representado nos uniformes e material militar, na realidade das paisagens (por exemplo os “Moinhos do Buçaco”).

Sob o ponto de vista técnico os painéis são demonstrativos dos métodos modernos - à época - em que se procedia à pintura sobre o azulejo já vidrado, o que obrigava a uma

segunda e terceira cozedura e que permitiu ao autor representar os volumes em fortes tons de azul, com uma plasticidade e uma profundidade espacial raras.

Também os painéis da Galeria são do mesmo autor e época, de idêntica qualidade estética e representam episódios dos Lusíadas e dos Autos das Barcas de Gil Vicente.

PROTEÇÃO

Categoria: MN - Monumento Nacional / ASA - Área de Sensibilidade Arqueológica, Decreto n.º 5/2018, DR, 1.ª série, n.º 10/2018 de 15 junho 2018 / RAU - Restrições Arquitetónicas e Urbanas, Portaria n.º 44/2018, DR, 2.ª série, n.º 13 de 18 janeiro 2018.

Nota: em 2018 alterou-se «o grau de classificação de imóvel de interesse público (IIP) para monumento nacional (MN) do conjunto patrimonial do Buçaco – Palace Hotel do Buçaco e mata envolvente, incluindo capelas e ermidas, Cruz Alta e tudo o que nela se contém de interesse histórico e artístico, em conjunto com o Convento de Santa Cruz do Buçaco (...)»¹.

¹ Fonte: DGPC.

CONCLUSÃO

Com o restauro e reabilitação do Palace-Hotel do Bussaco e construções anexas pretende-se dar continuidade à vocação turística, implementando um Hotel de 5** de elevada qualidade.

BIBLIOGRAFIA

- Revista Monumentos 20, DGEMN, 2004;
- SIPA;
- Grandes Hotéis de Portugal, de Manuel Guimarães e António Valdemar, Edições INAPA, 2001.